

SANTA CATARINA E O BRICS: DESTAQUE PARA AS RELAÇÕES COM A ÍNDIA

Santa Catarina and the BRICS: highlighting the relations with India

Hoyêdo Nunes LINS
Universidade Federal de Santa Catarina
hnlins@cse.ufsc.br

RESUMO

Grupo heterogêneo, o BRICS teve ampliada a sua importância no comércio externo brasileiro, sobretudo pelas interações com a China. Também com a Índia, foco deste artigo, o comércio aumentou, mas sem mudança efetiva de participação e com pauta muito concentrada. Para Santa Catarina, o significado comercial do BRICS é menor do que para o Brasil, mas é crescente. Esse intercâmbio se expande com a Índia, porém com forte discrepância entre importações e exportações e na composição das pautas. Buscando reposicionamento internacional, a Índia exibe maior interesse pela América Latina e pelo Brasil, o que se traduz em vínculos cooperativos, especialmente em ciência e tecnologia. Em Santa Catarina há tentativas de interação, com eventos e visitas. Ampliar e diversificar o comércio e avançar nessas relações cooperativas deveriam ser vistas como ações estratégicas.

PALAVRAS-CHAVE: BRICS. Santa Catarina. Comércio. Cooperação. Perspectivas.

ABSTRACT

The BRICS are an heterogeneous group of countries which exhibit an important presence in Brazil's trade. This is mainly due to China, but Brazilian trade has grown also with India, subject of this article, even if actual changes in participation are not registered, and just a few products account for much of the flows. In Santa Catarina trade with the BRICS means much less than in Brazil as a whole, but it is growing. India's participation has risen, yet the related imports and exports are quite different. Searching for a new international positioning, India looks more interested in Latin America and Brazil nowadays, and this takes the form of cooperative relationships notably in science and technology. In Santa Catarina there have been attempts of this kind, involving visits and events. Initiatives to enlarge and diversify trade and cooperation with India should be considered strategic.

KEYWORDS: BRICS. Santa Catarina. Trade. Cooperation. Perspectives.

Classificação JEL: F0 F50

Recebido em: 05-10-2019. Aceito em: 27-04-2020.

1 INTRODUÇÃO

O termo BRICS, evocativo de iniciativa conjunta, desde 2008, envolvendo Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul (quanto ao último país, a partir de 2010), passou a ser frequentemente considerado nos debates sobre os processos contemporâneos com potencial para promover novas configurações econômicas e políticas no plano internacional. O lampejo inspirador, ao menos quanto ao nome, teria sido a formulação de um economista dos quadros do grupo financeiro Goldman Sachs, em documento que se referia aos quatro primeiros países (O'NEILL, 2001).

A iniciativa atraiu atenções em vários meios, e abordagens diversas viram a luz. Mas realce foi costumeiramente atribuído, por exemplo, às indagações sobre o quanto se podia falar de uma efetiva conjugação de interesses. O mesmo cabe assinalar com respeito às perspectivas futuras, outro foco de interrogação e debate.

As análises incluíram a avaliação dos procedimentos adotados nos vários rounds de interações formais entre os integrantes. A sequência foi desencadeada em 2009, na cidade russa de Ecatemburgo. As demais cúpulas ocorreram em 2010 (Brasil – Brasília), 2011 (China – Sanya), 2012 (Índia – Nova Délhi), 2013 (África do Sul – Durban), 2014 (Brasil – Fortaleza), 2015 (Rússia – Ufa), 2016 (Índia – Goa), 2017 (Xiamen – China) e 2018 (Johanesburgo – África do Sul). Em novembro de 2019, Brasília deverá abrigar a 11ª cúpula.

Em geral, os estudos sobre os BRICS que se voltam às questões comerciais ou mesmo a relações de outra natureza consideram a escala nacional das interações. A presente pesquisa, cujo caráter é exploratório, procura principalmente observar a situação de um ente subnacional de um dos países membros. O Estado de Santa Catarina é o foco, relativamente tanto ao diálogo comercial com Rússia, Índia, China e África do Sul (o BRICS sem o Brasil), quanto – com maior saliência – às relações com o integrante sul-asiático desse agrupamento: a Índia.

Motivou essa especificação do interlocutor de Santa Catarina o ampliado interesse contemporâneo da Índia pela América Latina, em termos econômicos e geopolíticos. Também contribuiu uma aparente maior atenção do Brasil para com aquele país no período recente, por conta de fatores como potencial de mercado, possibilidades de cooperação ou compartilhamento de posições em fóruns internacionais sobre questões relevantes.

Sublinhar a participação catarinense obedece ao interesse em perceber o modo como esse estado, bastante diversificado em termos econômicos e em atributos socioterritoriais, interage com o agrupamento BRICS e, no interior deste, com a Índia. Isso significa não só perscrutar a esfera do comércio, mas, igualmente, indagar sobre aproximações envolvendo cooperação ou ação conjunta.

O texto possui três seções, além desta introdução e das considerações finais. Na próxima parte efetua-se uma breve contextualização do assunto tratado, falando das relações comerciais entre Brasil e Índia. Depois adentra-se a especificação representada pelo foco em Santa Catarina, considerando o comércio com o agrupamento BRICS e, sobretudo, com a Índia. Na seção seguinte estende-se o olhar para além do comércio, considerando a esfera da cooperação, em diferentes aspectos.

2 À GUIA DE CONTEXTUALIZAÇÃO: INTERAÇÕES COMERCIAIS BRASIL – ÍNDIA

O conjunto BRICS ampliou a sua importância no comércio externo brasileiro desde meados da década de 2000. Segundo a Tabela 1, de 2005 a 2015 as exportações do Brasil para os demais integrantes saltaram da faixa de US\$ 12 bilhões para a de US\$ 43 bilhões, tangenciando US\$ 54 bilhões em 2013. O percurso das importações brasileiras foi semelhante. Também como proporção da totalidade do comércio externo brasileiro o BRICS ampliou a sua presença, seja nas exportações ou nas importações.

Esse crescimento deve-se quase integralmente ao intercâmbio com a China, que mais que quintuplicou nas exportações e nas importações. Com a Índia, o comércio brasileiro pouco mais que triplicou no período, sem ocasionar crescimento de proporção no total das trocas brasileiras com o conjunto BRICS. A China, ao contrário, ampliou de pouco mais de metade para mais de 80% a sua participação como destino das vendas brasileiras dentro do bloco. Também nas importações o caminho trilhado exibiu destaque (Tabela 2).

Tabela 1 - Comércio externo do Brasil: total e com o BRICS – 2005-2015 (US\$ milhões)

ANOS	EXPORTAÇÕES		IMPORTAÇÕES		A/B*100	C/D*100
	Para o BRICS (A)	Para o mundo (B)	Desde o BRICS (C)	Desde o mundo (D)		
2005	12.261,4	118.308,3	7.621,0	73.551,4	10,36	10,36
2006	14.247,4	137.807,5	10.841,8	91.350,8	10,34	11,87
2007	17.205,7	160.649,1	17.023,0	120.620,9	10,71	14,11
2008	24.032,7	197.942,4	27.714,9	172.984,8	12,14	16,02
2009	28.547,2	152.994,7	22.138,6	127.647,3	18,66	17,34
2010	39.740,2	201.915,3	32.501,6	181.768,4	19,68	17,88
2011	53.412,2	256.040,0	42.727,7	226.243,4	20,86	18,88
2012	51.710,6	242.578,0	42.933,4	223.183,5	21,32	19,24
2013	53.966,6	242.178,6	47.057,1	239.620,9	22,28	19,64
2014	50.459,6	225.100,9	47.733,6	229.154,5	22,42	20,83
2015	43.043,1	191.134,3	37.874,5	171.449,0	22,52	22,09

Fonte: Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (S.d.)

Tabela 2 - Comércio do Brasil com os parceiros do BRICS – 2005-2015 (US\$ milhões)

PAÍSES	ANOS		2005	2007	2009	2011	2013	2015
			RÚSSIA	Exp. (%)	2.917,4 (23,8)	3.741,3 (21,7)	2.868,6 (10,0)	4.216,3 (7,9)
	Imp. (%)	722,1 (9,5)	1.710,1 (10,0)	1.412,1 (6,4)	2.944,2 (6,9)	2.676,1 (5,7)	2.220,9 (5,9)	
ÍNDIA	Exp. (%)	1.137,9 (9,3)	957,8 (5,6)	3.415,0 (12,0)	3.200,7 (6,0)	3.130,1 (5,8)	3.617,4 (8,4)	
	Imp. (%)	1.202,9 (15,8)	2.169,3 (12,7)	2.191,1 (9,9)	6.081,0 (14,2)	6.357,6 (13,5)	4.289,6 (11,3)	
CHINA	Exp. (%)	6.835,0 (55,7)	10.748,8 (62,5)	21.003,9 (73,6)	44.314,6 (83,0)	46.026,1 (85,3)	35.607,5 (82,7)	
	Imp. (%)	5.354,5 (70,3)	12.621,3 (74,1)	15.911,1 (71,9)	32.790,6 (76,7)	37.303,8 (79,3)	30.719,4 (81,1)	
ÁFRICA DO SUL	Exp. (%)	1.371,1 (11,2)	1.757,8 (10,2)	1.259,7 (4,4)	1.680,6 (3,1)	1.836,3 (3,4)	1.353,8 (3,1)	
	Imp. (%)	341,5 (4,5)	522,3 (3,1)	433,2 (2,0)	911,9 (2,1)	719,6 (1,5)	644,6 (1,7)	
TOTAL	Exp. (%)	12.261,4 (100,0)	17.205,7 (100,0)	28.547,2 (100,0)	53.412,2 (100,0)	53.966,6 (100,0)	43.043,1 (100,0)	
	Imp. (%)	7.621,0 (100,0)	17.023,0 (100,0)	22.138,6 (100,0)	42.727,7 (100,0)	47.057,1 (100,0)	37.874,5 (100,0)	

Fonte: Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (S.d.)

Com a Índia, especificamente, o comércio brasileiro nunca foi volumoso (PANT, 2011). Os dois países sempre representaram, um para o outro, proporção pequena das respectivas trocas globais, situando-se em outras latitudes os principais parceiros de ambos. Não obstante, o comércio bilateral cresceu expressivamente nos últimos anos: entre 2005 e 2015, o salto foi da faixa próxima a US\$ 1 bilhão, em exportações ou importações do Brasil, para vendas brasileiras superiores a US\$ 5 bilhões, como em 2012, e para compras que atingiram US\$ 6,6 bilhões, como em 2014.

A composição desse comércio mostra sintonia com o perfil das trocas externas totais desses países. Dados da United Nations Statistics Division – UN-Comtrade (UN STATISTICS DIVISION, [S.d.]) informam que dos US\$ 191 bilhões exportados pelo Brasil para o mundo em 2015, 32% distribuíram-se entre, em ordem decrescente, soja, minério de ferro, óleos de petróleo, açúcar de cana, carne de ave, torta de soja e outros resíduos, café, milho, polpa de madeira e carne bovina congelada.

Os principais itens nos US\$ 171 bilhões de importação brasileira total naquele ano, atingindo 28%, abrangiam, em ordem declinante, óleos de petróleo não crus, óleos de petróleo crus, gases de petróleo e outros gases, peças e acessórios de veículos automotores, automóveis e outros veículos automotrizes para transportes, aparato elétrico para telefonia em linha, medicamentos, inseticidas e assemelhados, circuitos eletrônicos integrados e sangue (humano e animal, para usos terapêuticos).

Para a Índia, os principais produtos dos US\$ 264 bilhões de exportações totais em 2015, atingindo 38%, eram, desde o mais representativo: óleos de petróleo não crus, diamantes brutos ou não (mas não engastados), medicamentos, artigos de joalheria, arroz, automóveis e outros veículos motorizados para transporte, carne bovina congelada, fio de algodão, peças e acessórios de veículos automotores e outras aeronaves (helicópteros, aviões). Nas importações tratou-se, somando 49% do total de US\$ 391 bilhões, de óleos de petróleo e óleos obtidos de minerais betuminosos, ouro, diamantes brutos ou não (mas não engastados), aparato elétrico para telefonia em linha, carvão, gases de petróleo e outros gases, mercadorias não especificadas, óleo de palma, máquinas automáticas para processamento de dados e minério de ferro.

Vários desses produtos com maior visibilidade na “fotografia” referente a 2015 sobressaem de modo considerável no fluxo comercial Brasil-Índia em período razoavelmente longo, com intensidade que denota elevada concentração da pauta (Tabela 3). Entre 2005 e 2015, de fato, não mais que três produtos tiveram participações que, juntas,

ultrapassaram a metade (às vezes bem mais que isso) das exportações ou importações, em ambas as direções.

Tabela 3 - Comércio Brasil-Índia de 2005 a 2015: somatório dos totais e principais produtos

DIREÇÃO DO COMÉRC.	PRODUTOS	VALOR (US\$ millions FOB)	%
EXPOR. DO BRASIL	Totalidade das exportações	31.356,9	100
	Óleos brutos de petróleo	12.287,4	39,2
	Açúcar de cana	2.442,3	7,8
	Óleo de soja em bruto	2.347,9	7,5
	Outros açúcares de cana, beterraba, sacarose...	2.150,3	6,9
	Sulfetos de minério de cobre	1.268,1	4,0
IMPOR. DO BRASIL	Totalidade das importações	43.249,5	100
	Óleo diesel	19.853,3	45,9
	Fios têxteis de poliésteres crus	433,3	1,0
	Fio texturizado de poliésteres	350,0	0,8
	Coques de hulha	297,6	0,7
	Outros compostos heterocíclicos	297,5	0,7
Outros grupos eletrogêneos de energia eólica	213,3	0,5	

Fonte: elaborado pelo autor com dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior – SECEX ([S.d.])

Nas exportações do Brasil para a Índia, geralmente açúcar de cana, óleo de soja, sulfetos de minérios de cobre e óleos brutos de petróleo ocuparam as primeiras posições, respondendo pelo principal das vendas. Nas importações brasileiras, o óleo diesel foi sempre o produto principal, acompanhado de fio de poliésteres, outros compostos heterocíclicos, fio texturizado de poliésteres, coques de hulha, outros grupos eletrogêneos de energia eólica, fio de algodão e inseticidas.

3 COMÉRCIO SANTA CATARINA – BRICS: REALCE PARA AS INTERAÇÕES COM A ÍNDIA

Inicia-se com o comércio entre Santa Catarina e os integrantes do BRICS, em termos gerais. Depois aborda-se a relação comercial desse estado com a Índia, detalhando a pauta em 2015.

3.1 Comércio Santa Catarina – BRICS

Nas exportações, o comércio com o BRICS é menos representativo em Santa Catarina do que no Brasil. Além de inexistir trajetória contínua de crescimento da proporção dessas vendas no conjunto das exportações catarinenses, como se nota na Tabela 4, nunca se atingiu, entre 2005 e 2015, uma participação sequer próxima da registrada para o país como um todo. Nas importações o quadro é diferente: a expansão da representatividade do BRICS é praticamente linear no estado, atingindo em 2015 uma concentração de nada menos que 38,2% de todas as compras externas catarinenses.

Tabela 4 - Comércio exterior catarinense: total e no BRICS – 2005-2015 (US\$ milhões)

ANOS	EXPORTAÇÕES		IMPORTAÇÕES		A/B*100	C/D*100
	Para o BRICS (A)	Para o mundo (B)	Desde o BRICS (C)	Desde o mundo (D)		
2005	770,2	5.594,2	243,0	2.188,5	13,77	11,10
2006	505,4	5.982,1	553,1	3.468,8	8,45	15,94
2007	532,3	7.381,8	1.075,4	5.000,2	7,21	21,51
2008	670,8	8.331,1	2.022,4	7.940,7	8,05	25,47
2009	511,0	6.427,7	1.999,2	7.288,1	7,95	27,43
2010	713,1	7.582,0	3.783,8	11.978,1	9,40	31,59
2011	996,9	9.051,0	4.636,0	14.841,0	11,01	31,24
2012	1.141,1	8.920,7	4.753,2	14.552,0	12,79	32,66
2013	1.192,2	8.688,8	5.154,3	14.779,5	13,72	34,87
2014	1.671,6	8.987,4	5.870,1	16.018,7	18,60	36,64
2015	1.267,0	7.644,0	4.818,8	12.613,1	16,57	38,20

Fonte: Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (S.d.)

Perceba-se que, em meados da década de 2010, entre os principais produtos exportados (para o mundo) por Santa Catarina figuravam: carnes de frango e de suínos, tabaco não manufaturado, motores elétricos, soja, compressores, blocos de cilindros para motores, motores e geradores elétricos, móveis de madeira e papel e cartão kraft em rolos ou em folhas. As maiores importações, com presença amplamente majoritária de insumos industriais, incluíam: cobre (afinado e em ligas), polímeros de etileno, produtos laminados planos de ferro ou aço, fios e filamentos sintéticos, pneus de borracha, aparelhos elétricos para telefonia e instrumentos e aparelhos para uso na área da saúde (FIESC, 2012; 2014).

Como no nível nacional, é principalmente no relacionamento com a China, muito à frente dos demais países do grupo, que reside a tendência de crescimento das exportações e importações catarinenses no seio do BRICS. Ocorreu incremento também no que toca aos outros países, notadamente nas importações catarinenses, mas não com a sustentada progressividade percebida na relação com a China. De fato, a regra no relacionamento com

Índia, Rússia e África do Sul é a oscilação nos valores contabilizados, embora mais intensa em alguns casos do que em outros, seja nas exportações ou nas importações (Tabela 5).

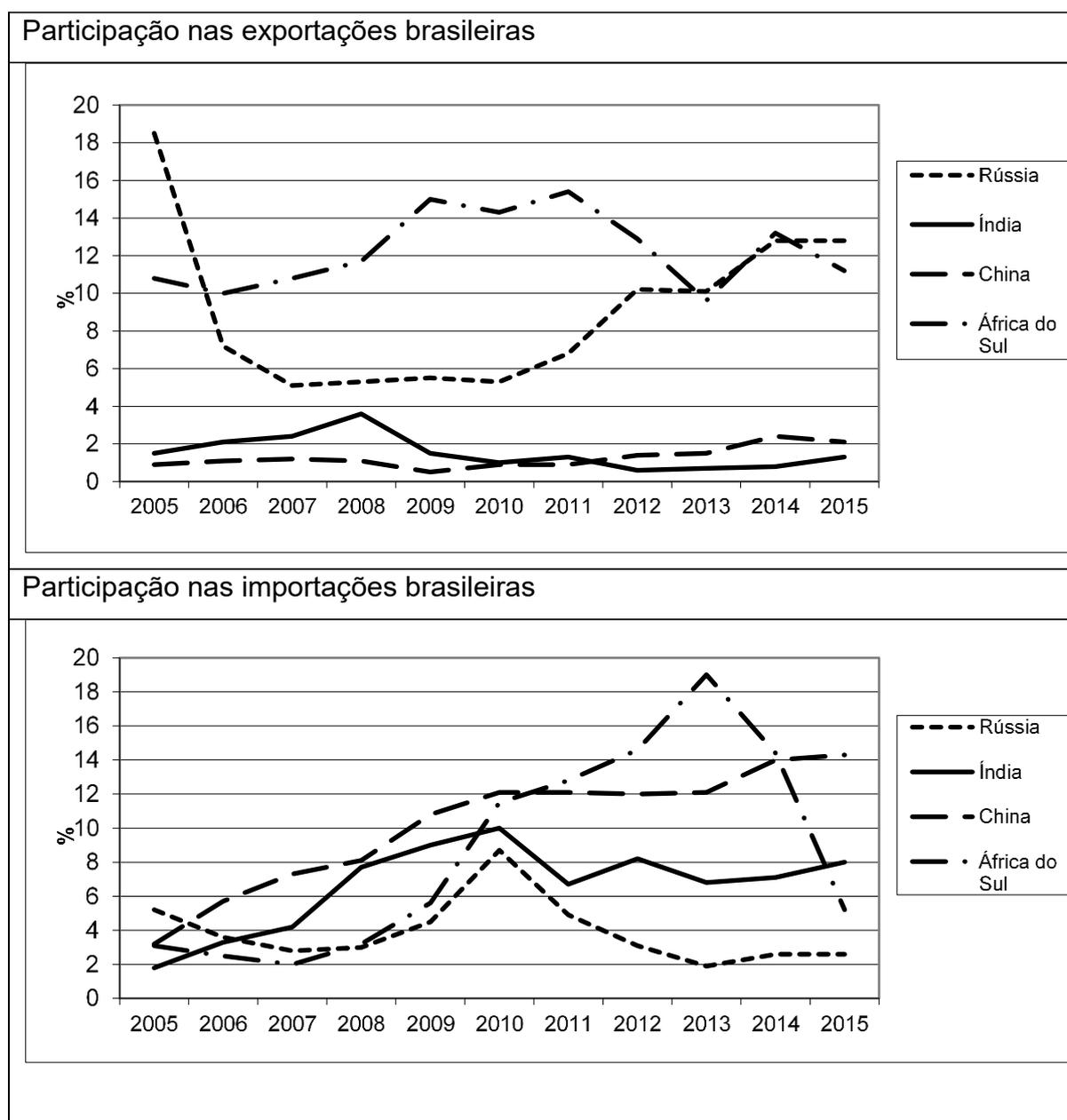
Tabela 5 - Comércio de Santa Catarina com o BRICS – 2005-2015 (US\$ milhões)

		ANOS					
PAÍSES		2005	2007	2009	2011	2013	2015
RÚSSIA	Exp.	541,1	190,5	159,0	287,2	301,1	316,7
	(%)	(70,2)	(35,8)	(31,1)	(28,8)	(25,2)	(25,0)
	Imp.	37,3	47,4	63,9	144,3	50,8	58,7
	(%)	(15,3)	(4,4)	(3,2)	(3,1)	(1,0)	(1,2)
ÍNDIA	Exp.	17,5	23,3	52,6	40,4	23,4	46,2
	(%)	(2,3)	(4,4)	(10,3)	(4,0)	(2,0)	(3,6)
	Imp.	22,3	90,3	197,9	407,6	434,5	343,1
	(%)	(9,2)	(8,4)	(9,9)	(8,8)	(8,4)	(7,1)
CHINA	Exp.	63,1	129,0	110,1	410,3	691,6	753,0
	(%)	(8,2)	(24,2)	(21,5)	(41,2)	(58,0)	(59,4)
	Imp.	172,7	927,1	1.713	3.968	4.532	4.383
	(%)	(71,1)	(86,2)	(85,7)	(85,6)	(87,9)	(91,0)
ÁFRICA DO SUL	Exp.	148,5	189,5	189,3	259,0	176,1	151,1
	(%)	(19,3)	(35,6)	(37,0)	(26,0)	(14,8)	(11,9)
	Imp.	10,7	10,6	24,4	117,0	137,0	34,0
	(%)	(4,4)	(1,0)	(1,2)	(2,5)	(2,7)	(0,7)
TOTAL	Exp.	770,2	532,3	511,0	996,9	1.192	1.267
	(%)	(100)	(100)	(100)	(100)	(100)	(100)
	Imp.	243,0	1.075	1.999	4.637	5.154	4.819
	(%)	(100)	(100)	(100)	(100)	(100)	(100)

Fonte: Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (S.d.)

O comércio de Santa Catarina com os membros do BRICS participa de modo variado no intercâmbio brasileiro com aqueles países (Figura 1). No tocante à Rússia, a participação catarinense nas exportações brasileiras geralmente supera a que caracteriza as importações. Produtos químicos destacam-se fortemente nessas compras, enquanto fumo em folha, soja e carne de frango in natura despontam na pauta das vendas para o país leste-europeu. Na relação com a Índia, as trocas catarinenses participam muito pouco do comércio entre o país sul-asiático e o Brasil como um todo, mormente no tocante às exportações. O conteúdo desse comércio será abordado posteriormente no artigo, quando se salientarão os vínculos envolvendo o país sul-asiático.

Figura 1 - Participação catarinense no comércio brasileiro com o BRICS – 2005-2015



Fonte: elaborado pelo autor com dados de Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (S.d.)

Com a China, as vendas catarinenses, em que pese o forte incremento em termos absolutos (salto de US\$ 63 milhões em 2005 para US\$ 979 milhões em 2014, mas com recuo de mais de 20% em 2015), oscilaram pouco como proporção das vendas brasileiras. Fumo em folha, soja, confecções, compressores para bombas e geradores e transformadores elétricos tendem a figurar em destaque. Em compensação, nas importações – que também se expandiram fortemente – a proporção estadual no agregado

brasileiro mais que quadruplicou, chegando a ultrapassar 14% em 2015: produtos cerâmicos, laminados de ferro ou aço, pneus para automóveis, lâmpadas e aparelhos eletrônicos de uso doméstico aparecem mais fortemente nessas compras catarinenses.

Também em relação à África do Sul a participação estadual nas exportações brasileiras varia pouco, embora oscile entre 9,6% e 15,4%. Mostram maior destaque nessas vendas produtos como fumo em folha, carne de frango in natura e industrializada, produtos cerâmicos, compressores e bombas, geradores e transformadores elétricos, autopeças e madeira compensada. Nas importações a proporção é estável (e baixa) até o final da década de 2000, mudando de patamar e atingindo 19% do total brasileiro em 2013, com posterior recuo. Ferro, combustíveis, máquinas e produtos químicos apresentam os maiores registros nessas compras.

3.2 Detalhamento do comércio catarinense com a Índia

Os números do comércio entre Santa Catarina e Índia no período 2005-2015 são apresentados na Tabela 6, que também informa sobre o comércio do Brasil com o parceiro sul-asiático. As exportações catarinenses oscilam, mas tendem à expansão, mostrando-se o valor de 2015 (US\$ 46,2 milhões) superior em 2,6 vezes ao do início da série (US\$ 17,5 milhões, em 2005); o pico ocorreu em 2009, com US\$ 52,6 milhões. Essas exportações são bem inferiores às importações de Santa Catarina oriundas da Índia, que desde 2008 situam-se em patamar de centenas de milhões de dólares e exibem percurso de crescimento menos sinuoso, comparativamente. A cifra do final da série (US\$ 343,1 milhões, em 2015) é 15,4 vezes maior que a do início (US\$ 22,3 milhões, em 2005), com ápice de US\$ 470,3 milhões em 2014.

Nessa relação bilateral não há discrepância forte somente na comparação entre exportações e importações. Há grande diferenciação também nas pautas de produtos comercializados, inclusive quanto ao grau de concentração. As tabelas 7 e 8 informam sobre esse aspecto, com dados relativos a 2015.

Tabela 6 - Comércio do Brasil e de Santa Catarina com a Índia, e participação estadual nas correspondentes trocas nacionais: 2005-2015 (US\$ milhão FOB)

ANO	BRASIL		SANTA CATARINA			
	Exp. p/ Índia (A)	Imp. da Índia (B)	Exp. p/ Índia (C)	C/A*100	Imp. da Índia (D)	D/B*100
2005	1.137,9	1.202,9	17,5	1,54	22,3	1,85
2006	938,9	1.473,9	19,5	2,08	48,2	3,27
2007	957,8	2.169,3	23,3	2,43	90,3	4,16
2008	1.102,3	3.564,3	40,2	3,65	276,4	7,75
2009	3.415,0	2.191,1	52,6	1,54	197,9	9,03
2010	3.492,3	4.242,5	34,4	0,98	425,5	10,03
2011	3.200,7	6.081,0	40,4	1,26	407,6	6,70
2012	5.576,9	5.042,8	32,2	0,58	416,2	8,25
2013	3.130,1	6.357,6	23,4	0,75	434,5	6,83
2014	4.788,7	6.640,3	40,5	0,85	470,3	7,08
2015	3.617,4	4.289,6	46,2	1,28	343,1	8,00

Fonte: Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (S.d.)

Nas exportações catarinenses, apenas cinco produtos atingiram quase 93% do total enviado à Índia (Tabela 7). O item mais representativo (47% das vendas) pertence ao grupo de número 15 da Classificação SH 2 dígitos utilizada pelo Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços do Brasil (MDIC): “Gorduras e óleos animais ou vegetais; produtos de sua dissociação; gorduras alimentares elaboradas; ceras de origem animal ou vegetal”. O segundo item de maior presença é o de número 84 daquela classificação, com 23,6%: “Reatores nucleares, caldeiras, máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos, e suas partes”. No terceiro lugar está o número 85, com 13,1%: “Máquinas, aparelhos e materiais elétricos, e suas partes; aparelhos de gravação ou reprodução de som, de imagens e de som em televisão; e suas partes e acessórios”. Essa classificação indica grupos de produtos; na especificação constata-se que as vendas catarinenses se concentram sobretudo em óleo de soja, engrenagens e rodas de fricção e motores elétricos (RADIN, 2015).

Tabela 7 - Exportações catarinenses para Índia em 2015 – Classificação SH 2 dígitos
(US\$ mil FOB)

Nº clas.	PRODUTOS	VALOR	%
07	Produtos hortícolas, plantas, raízes e tubérculos, comestíveis	100,4	
10	Cereais	231,6	
15	Gorduras e óleos animais ou vegetais; prod. de sua dissociação; gorduras alimentares elaboradas; ceras	21.856,5	47,3
25	Sal, enxofre, terras e pedras, gesso, cal e cimento	0,8	
28	Produtos químicos inorgânicos; comp. inorgânicos./orgânicos, metais preciosos, elementos radioativos, de metais isótopos	0,4	
30	Produtos farmacêuticos	13,6	
33	Óleos essenciais e resinas; prod. perfum. ou toucador e preparações cosméticas	21,6	
35	Matérias albuminóides; prod. a base de amidos/féculas modificadas; colas, enzimas	0,2	
38	Produtos diversos das indústrias químicas	1.914,7	4,1
39	Plásticos e suas obras	16,3	
40	Borracha e suas obras	28,7	
41	Peles, exceto as peles com pelo, e couros	576,9	
44	Madeira, carvão vegetal e obras de madeira	756,3	
48	Papel e cartão; obras de pasta de celulose, de papel ou de cartão	239,6	
61	Vestuário e seus acessórios, de malha	7,7	
62	Vestuário e seus acessórios, exceto de malha	2,0	
69	Produtos cerâmicos	39,2	
70	Vidro e suas obras	34,4	
72	Ferro fundido, ferro e aço	2.174,0	4,7
73	Obras de ferro fundido, ferro ou aço	101,5	
74	Cobre e suas obras	46,0	
76	Alumínio e suas obras	0,6	

(continua)

Tabela 7 - Exportações catarinenses para Índia em 2015 – Classificação SH 2 dígitos
(US\$ mil FOB)

Nº clas.	PRODUTOS	VALOR	%
82	Ferramentas, artefatos de cutelaria e talheres, e suas partes, de metais comuns	23,8	
83	Obras diversas de metais comuns	8,6	
84	Reatores nucleares, caldeiras, máquinas aparelhos e instrumentos mecânicos, e suas partes	10.886,4	23,6
85	Máquinas, aparelhos e materiais elétricos e partes; aparelhos de gravação ou reprodução de som e imagem, acessórios	6.072,3	13,1
86	Veículos e materiais p/ vias férreas ou semelhantes e partes; aparelhos mecânicos p/ sinalização de vias comunicação	99,7	
87	Veículos automóveis, tratores, ciclos e outros veículos terrestres, partes e acessórios	343,8	
88	Aeronaves e aparelhos espaciais, e suas partes	2,0	
90	Instrumentos e aparelhos p/ óptica, fotografia, cinematografia, medida, contr./precisão; médico-cirúrgico, acessórios	586,5	
94	Móveis; mob. médico-cirúrgico, colchões/almofadas; outros aparelhos de iluminação; anúncios, cartazes	14,6	
TOTAL		46.200,9	100

Fonte: Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (S.d.)

Diferentemente da concentração observada nas vendas, nas importações de Santa Catarina 17 produtos lograram uma representatividade conjunta de 92,2% (Tabela 8). O maior destaque refere-se ao número 54 da Classificação SH 2 dígitos usada pelo MDIC, “Filamentos sintéticos ou artificiais”, cujo montante atingiu 26% do total adquirido na Índia. Esse volume indica o peso dos insumos da indústria têxtil, notadamente os fios texturizados de poliésteres. Depois aparece o número 69 (“Produtos cerâmicos”) e, em terceiro lugar, o número 32, a saber, “Extratos tanantes e tintoriais; taninos e seus derivados; pigmentos e outras matérias corantes; tintas e vernizes; mastiques; tintas de escrever”, dizendo respeito, em primeiro lugar, a corantes reagentes.

Tabela 8 - Importações catarinenses desde a Índia em 2015 – Classificação SH 2 dígitos
(US\$ Mil FOB)

Nº clas.	PRODUTOS	VALOR	%
05	Outros produtos de origem animal, não especificados ou compreendidos noutros capítulos	24,9	
06	Plantas vivas e produtos de floricultura	8,7	
07	Produtos hortícolas, plantas, raízes e tubérculos, comestíveis	1.710,8	
09	Café, chá, mate e especiarias	142,7	
10	Cereais	4,5	
11	Produtos da indústria de moagem; malte; amidos e féculas; inulina; glúten de trigo	2,8	
12	Semente/frutos oleaginosas; grãos, sêmen. e frutos diversos; plantas industriais/medicamentosas; palhas/forragens	1.036,6	
13	Gomas, resinas e outros sucos e extratos vegetais	661,6	
15	Gorduras e óleos animais ou vegetais; prod. de sua dissociação; gorduras alimentares elaboradas; ceras	162,8	
20	Preparações de produtos hortícolas, de frutas ou de outras partes de plantas	87,1	
21	Preparações alimentícias diversas	98,6	
23	Resíduos e desperdícios das ind. alimentares; alimentos preparados para animais	376,4	
25	Sal, enxofre, terras e pedras, gesso, cal e cimento	790,9	
27	Combust. minerais, óleos minerais e produtos da destilação; matéria betuminosa; ceras minerais	1.771,4	
28	Produtos químicos inorgânicos; compostos inorgânicos/orgânicos, metais preciosos, elementos radioativos, de metais/ isótopos	1.488,1	
29	Produtos químicos orgânicos	18.041,5	5,3
30	Produtos farmacêuticos	6.438,9	1,9
32	Extratos taninos/tinturas; taninos e derivados; pigmentos e outras matérias corantes; tintas e vernizes.	29.811,4	8,7
33	Óleos essenciais e resinas; produtos de perfumaria ou toucador e preparações cosméticas	416,3	
34	Sabões, agentes org. superf., prep. lavagem e lubrificantes, ceras, produtos de conservação e limpeza	4.787,0	1,4
35	Matérias albuminas; produtos a base de amidos ou féculas modificadas; colas, enzimas	15,0	
38	Produtos diversos das indústrias químicas	6.189,4	1,8
39	Plásticos e suas obras	5.867,8	1,7

(continua)

Nº clas.	PRODUTOS	VALOR	%
40	Borracha e suas obras	19.895,6	5,8
42	Obras de couro; artigos correeiro/seleiro; artigos viagem, bolsas/ artefatos semelhantes	1.099,5	
44	Madeira, carvão vegetal e obras de madeira	228,4	
46	Obras de espartaria ou de cestaria	134,5	
48	Papel e cartão; obras de pasta de celulose, de papel ou de cartão	20,9	
49	Livros, jornais, gravuras e outros produtos industriais gráficos.; textos manuscritos/datilografados; planos e plantas	80,9	
50	Seda	33,2	
52	Algodão	18.030,6	5,2
53	Outras fibras têxteis vegetais; fios de papel e tecidos de fios de papel	60,3	
54	Filamentos sintéticos ou artificiais	89.689,6	26,1
55	Fibras sintéticas ou artificiais, descontínuas	13.292,4	3,9
56	Pastas, feltros e falsos tecidos; fios espec.; cordéis, cordas e cabos, artigos de cordoaria	24,6	
57	Tapetes e outros revestimentos para pisos (pavimentos), de matérias têxteis	3.609,9	
58	Tecidos especiais; tecidos tufados; rendas; tapeçarias; passamanarias; bordados	863,2	
59	Tecidos impregnados, revestidos, recobertos ou estratificados; artigos p/ usos técnicos de matérias primas	1.069,8	
60	Tecidos de malha	2,3	
61	Vestuário e seus acessórios, de malha	3.408,4	
62	Vestuário e seus acessórios, exceto de malha	22.303,6	6,5
63	Outros artefatos têxt./confeções; sortidos; artefatos de matérias têxteis, calçados, chapéus e semelhantes	581,8	
66	Guarda-chuvas, sombrinhas, guarda-sóis, bengalas-assentos, chicotes, pingalins	1,7	
67	Penas e penugens preparadas e suas obras; flores artificiais; obras de cabelo	8,2	
68	Obras de pedra, gesso, cimento, amianto, mica ou de matérias semelhantes	25,3	
69	Produtos cerâmicos	33.274,6	9,7

(continua)

Nº clas.	PRODUTOS	VALOR	%
70	Vidro e suas obras	1.347,8	
71	Pérolas naturais/cultivadas, pedras preciosas/semipreciosas, metais preciosos, folh./chap. ,metais preciosos; bijuterias	254,6	
72	Ferro fundido, ferro e aço	16.098,3	4,7
73	Obras de ferro fundido, ferro ou aço	5.238,7	1,5
74	Cobre e suas obras	180.436	
75	Níquel e suas obras	390,9	
76	Alumínio e suas obras	10.271,3	3,0
79	Zinco e suas obras	124,4	
81	Outros metais comuns; ceram. (cermets); obras dessas matérias	11,9	
82	Ferramentas, artefatos de cutelaria e talheres, e suas partes, de metais comuns	786,3	
83	Obras diversas de metais comuns	941,4	
84	Reatores nucleares, caldeiras, máq., aparelhos e instrumentos mecânicos, e suas partes	5.970,3	1,7
85	Máq., aparelhos e materiais elétricos e partes; aparelhos de gravação ou reprodução de som, imagem,; acessórios.	5.837,5	1,7
86	Veículos/mater. p/ vias férreas ou semelhantes e partes; aparelhos mecânicos de sinalização p/ vias de comunicação	581,7	
87	Veículos automóveis, tratores, ciclos e outros veículos terrestres, partes e aces.	692,6	
90	Instrumentos/aparelhos óptica, fotografia, cinematografia, medida, controle/precisão; médico - cirúrgico, acessórios	5.419,9	1,6
91	Artigos de relojoaria	32,5	
92	Instrumentos musicais; suas partes e acessórios	0,7	
94	Móveis; mobiliário médico - cirúrgico, colchões/almofadas; outros aparelhos p/ iluminação; anúncios, cartazes	702,3	
95	Brinquedos, jogos, artigos para divertimento ou para esporte, suas partes e acessórios	138,0	
96	Obras diversas	427,1	
TOTAL		343.124,0	100

Fonte: Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (S.d.)

Somados, esses produtos alcançaram US\$ 152,8 milhões, equivalentes a 44,5% do total das compras catarinenses originadas na Índia em 2015. O restante da pauta

apresenta-se distribuído – com graus variados de presença entre os grupos de produtos – num conjunto (incluindo os números especificados anteriormente) de sessenta e sete indicações da classificação utilizada. Frise-se que essas indicações somam mais do que o dobro daquelas presentes nas exportações estaduais para a Índia.

4 PERSCRUTANDO ALÉM DO COMÉRCIO NO DIÁLOGO COM A ÍNDIA

Até o início dos anos 1980, a Índia praticava políticas protecionistas e planejamento centralizado, ostentando forte intervenção do Estado na economia (PRATES, 2013). Esse foi um dos principais aspectos do contexto em que transcorreu a duradoura desconsideração recíproca observada nas relações entre Índia e Brasil e, de resto, entre aquele país e, por exemplo, toda a América Latina.

O fim da Guerra Fria representou marco a partir do qual ganharam impulso os vínculos Brasil-Índia. Nos anos 1990, e sobretudo após a virada do século, mais visitas de chefes de Estado ocorreram de parte a parte – Indira Gandhi, primeira ministra da Índia, estivera no Brasil em 1968 – e avanços nas relações bilaterais foram registrados (STUENKEL, 2012).

4.1 Para contextualizar: novos tempos no relacionamento Brasil-Índia?

Atualmente parece estar em curso uma renovação nos vínculos entre a Índia e o Brasil, em meio a projeções internacionais daquele país em várias direções e com diferentes amplitudes (DESAI, 2015). Sobretudo, a Índia passou a disputar recursos energéticos em diversas regiões do mundo, tendo em vista a sua condição de grande (e crescente) consumidora de tais recursos (FIORI, 2007).

Assim, o comportamento externo da Índia estaria a refletir importantes questões de cunho geopolítico, também relacionadas, entre outros aspectos, com a proeminência atingida pela China. Segundo Bava (2007), a política externa indiana, embora especialmente intensa na vizinhança mais próxima daquele país, tem escopo que atinge latitudes distantes, procurando assegurar o acesso a matérias primas e, notadamente, a recursos energéticos.

Desse modo, o diálogo aparentemente novo que se desenhou entre Índia e Brasil deve ser visto como parte de processos mais gerais. Cabe, todavia, considerar que o

interesse indiano em um relacionamento mais profícuo com o Brasil não se limita aos ângulos tangenciados, como o relativo ao comércio. De fato, a cooperação tecnológica representa uma importante área de interações, com perspectivas de benefícios recíprocos. Isso não deve surpreender, pelo quanto a cooperação tecnológica pode se revelar promissora para países em patamar de envolvimento no sistema mundial como o ocupado por Índia e Brasil (ARRIGHI, 1997).

Uma área de particular importância na cooperação científica e tecnológica entre ambos refere-se à saúde, notadamente no que concerne à indústria farmacêutica. Esta se desenvolveu com vigor no país sul-asiático e, talvez principalmente por conta disso, acena positivamente para o Brasil no que respeita às relações cooperativas (GUENNIF; RAMANI, 2012). Note-se que essa área já registra importantes interações científicas e tecnológicas bilaterais, inclusive com tomadas de posição conjuntas em debates internacionais (CHATUVERDI, 2011).

Constitui ilustração eloquente sobre o caráter estratégico daquele setor, na perspectiva aludida, o relevo outorgado à cooperação na área da saúde durante as atividades da Sexta Reunião da Comissão Mista de Cooperação Política, Econômica, Científica, Tecnológica e Cultural Brasil-Índia, realizada em Brasília em outubro de 2013 (MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES, 2013). Embora muitos assuntos tenham sido abordados na ocasião, especial realce foi atribuído à cooperação em ciência e tecnologia. A biotecnologia sobressaiu, no sentido de projetos conjuntos de pesquisa em biomedicina e ciências médicas.

Também figura em destaque, como espaço de interações Brasil-Índia, a busca de melhores condições de vida e trabalho das populações mais carentes. É sugestivo que, na referida Sexta Reunião da Comissão Mista de Cooperação, a comitiva indiana tenha registrado a ajuda prestada pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome do Brasil para a elaboração de programas de enfrentamento da pobreza naquele país (MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES, 2013). O contexto era o lançamento na Índia, em janeiro de 2013, de um novo programa de transferência de renda, área em que o Brasil ganhou visibilidade internacional desde a virada para o século 21 (BONIS, 2013).

Essas são, em grossas pinceladas, algumas das circunstâncias em relação às quais podem ser tangenciados aspectos das possibilidades ou aptidões catarinenses para interações de índole extracomercial com a Índia.

4.2 Um esboço sobre o quadro das relações extracomerciais com a Índia em Santa Catarina

O Estado de Santa Catarina não tem figurado à margem das iniciativas (ou de acenos neste sentido) de relacionamento Brasil-Índia em termos de investimentos e de cooperação em ciência e tecnologia. Além disso, esse estado registra experiências que poderiam inspirar uma interlocução cooperativa em torno de práticas de combate à pobreza e políticas de promoção social, como se registra nas interações do Brasil com o país sul-asiático.

Sobre investimentos é importante assinalar, por exemplo, a situação da WEG, produtora de motores elétricos surgida há quase 50 anos em Jaraguá do Sul, que inaugurou no início de 2011 uma fábrica no sul da Índia. No site da empresa há, na verdade, três indicações de presença naquele país: a referida fábrica – a WEG Industries (India) PVT. LTD.– Manufacturing Plant, na cidade de Hosur – e dois escritórios: o WEG Industries (India) PVT. LTD.– Marketing & Sales Office, em Bangalore, e o WEG Industries (India) PVT. LTD.– Regional Office-West, em Pune (cf. OPERAÇÕES WEG, [S.d.]).

Há também o caso da Docol Metais Sanitários, fundada em Jaraguá do Sul em 1956 e depois transferida para Joinville. Fabricante e exportadora de itens como torneiras e válvulas hidráulicas, essa empresa estabeleceu parceria comercial com produtor indiano envolvendo, para venda naquele mercado, a manufatura direta na Índia de artigos pouco sofisticados, com peças oriundas do Brasil (O ESTADO DE SÃO PAULO, 2011).

Em matéria de cooperação, ou de movimento tendo como objetivo avançar nesse campo, a Federação das Indústrias de Santa Catarina (FIESC) protagonizou iniciativa no segundo semestre de 2015, com a presença do Embaixador da Índia no Brasil, destinada a promover interações colaborativas em educação, saúde e tecnologia. No que se refere à área da saúde, assinalou-se nesse evento que o grande destaque indiano na indústria farmacêutica e na medicina tradicional haveria de constituir base para possíveis parcerias. Em tecnologia, constitui objeto de especial entusiasmo a área de informação, em que a Índia revela-se particularmente forte e Santa Catarina exhibe algum destaque (RADIN, 2015).

Pode-se dizer que teve sentido semelhante a viagem de uma comitiva de parlamentares catarinenses à Índia, no primeiro semestre de 2012. A motivação foi conhecer experiências locais de desenvolvimento e produção de equipamentos para

geração de energia de forma sustentável (como pela queima de biomassa) e para reutilização de água já usada em procedimentos sanitários, entre outras. Baratear o consumo da energia, favorecendo populações (notadamente em meio rural) mais carentes e com necessidades cada vez maiores nesses termos, e avançar em segurança energética são dois importantes objetivos dos procedimentos com os quais o grupo de parlamentares estabeleceu contato na Índia. Subjacente à iniciativa perfilava-se, possivelmente, o interesse em desdobramentos na forma de parcerias em Santa Catarina (CARDOSO, 2012).

O estado ostenta condições, igualmente, para participar de vínculos colaborativos erigidos no intuito de contribuir para a diminuição das carências e do sofrimento junto a grupos em precárias condições de reprodução social. Essas interações, implicando trocas de informações e experiências, continuam na ordem do dia nas relações entre a Índia e o Brasil. É sugestivo que três anos depois do lançamento, naquele país, do programa de transferência de renda referido anteriormente (inaugurado em janeiro de 2013), uma delegação indiana se dirigisse ao Brasil para conhecer as políticas e ações nacionais de combate à pobreza.

Esse empenho está longe de ser fortuito. Apesar dos avanços recentes na Índia, registrados no bojo de um crescimento econômico que ganhou velocidade e envolveu distribuição de grãos e venda de alimentos aos pobres a preços subsidiados, continuam muito grandes naquele país os contingentes que amargam uma condição de pobreza profunda, com dramática insegurança alimentar. Assim, objetivando ampliar e fortalecer seus programas, autoridades indianas procuraram conhecer notadamente o Programa Bolsa Família, e também as políticas de fortalecimento da agricultura familiar (PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, 2016).

Em Santa Catarina, o campo para interações colaborativas em relação a esses problemas parece amplo. O estado tem o que “dizer” e “mostrar” a respeito, quer no âmbito da produção de conhecimento científico e acadêmico, isto é, na avaliação crítica de iniciativas públicas e na proposição de aperfeiçoamentos, quer no tocante às ações efetivamente protagonizadas, com resultados que merecem divulgação.

Esse último plano é muito importante. Nas interações de cunho cooperativo, para obter os melhores resultados possíveis na mitigação de problemas vivenciados por grupos em situação de forte carência e vulnerabilidade, reveste-se de caráter nada menos que estratégico o envolvimento da própria escala comunitária, quer dizer, dos próprios agentes que participam das numerosas experiências. É dessa maneira que se pode valorizar e

aproveitar as forças criativas distribuídas no corpo social, em relações que talvez representem auxílio até na construção de novos referentes para a ação ou o ativismo.

Uma ilustração sobre produção recente de conhecimento em Santa Catarina, em torno da problemática da pobreza e sobre iniciativas para o seu confronto, é o estudo efetuado por Lunelli e Comerlato (2014) com base em pesquisa de campo conduzida em municípios do oeste catarinense. Captando impressões sobre o sentido e a manifestação da pobreza e sobre as formas de combate desta, o trabalho conclui sobre a necessidade de inovar nos procedimentos utilizados pelos agentes participantes.

Outra ilustração catarinense refere-se ao artigo de Oliveira et al. (2015), que analisa criticamente a presença do Programa Nacional de Desenvolvimento Sustentável (PRONAT) – cujo foco recai na agricultura familiar e nas comunidades tradicionais, alocando recursos (sem reembolso) para projetos intermunicipais criados e executados coletivamente pelos atores sociais das próprias áreas – no território designado como Meio Oeste Contestado. A atenção da abordagem incidiu em projetos nos municípios de Água Doce, Capinzal, Catanduvas e Coronel Martins.

Em termos de ações efetivas, quer dizer, de práticas direcionadas à promoção das condições de vida e trabalho de contingentes vulneráveis em Santa Catarina, cabe assinalar o Projeto Social Aroeira, liderado por um religioso com longa e frutífera militância em favor das comunidades pobres de Florianópolis.

Nas correspondentes ações conseguiu-se, em meados da década de 2000, a cessão e o reaproveitamento das instalações onde funcionou por décadas o Instituto Médico Legal. O projeto registra o atendimento de várias centenas de crianças e adolescentes de áreas carentes da cidade, notadamente do complexo do Maciço do Morro da Cruz, na Ilha de Santa Catarina, e do complexo do Monte Cristo, na periferia continental (PENTEADO, 2007). Lograram se afastar da criminalidade muitas das crianças e vários dos adolescentes que se engajaram em diferentes momentos. Não foram poucos os que conseguiram ingressar no ensino superior posteriormente.

Atualmente funciona no local, desde junho de 2011, o Instituto Padre Vilson Groh, com atuação em várias frentes e destaque particular na formação e capacitação, assim como no empreendedorismo social. Esse instituto abriga – e contribui para fortalecer a correspondente representação política e institucional – uma ampla rede de entidades locais, com forte atuação social, tais como o Centro de Educação e Evangelização Popular, o Centro Cultural Escrava Isaura, a Associação dos Amigos da Casa da Criança e do

Adolescente do Morro do Mocotó, o Centro Social Marista Monte Serrat e o Centro Social Elisabeth Sarcam, entre outras (PORTAL DA ILHA, 2015).

Não parece ocioso destacar que o que se referiu nos parágrafos anteriores, sublinhando algumas ações protagonizadas na área social, não tem outro sentido no texto senão sugerir que muito mais poderia caracterizar uma interlocução fértil com a Índia em solo catarinense.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Talvez estimulados pelos processos mais amplos no âmbito do BRICS, Brasil e Índia passaram a exibir interações bilaterais de intensidade cada vez maior. Foi assim na esfera comercial e em outras áreas de relacionamento, embora não se possa falar, para caso algum, de relações de fato marcantes, na perspectiva de um país ou do outro. De todo modo, frente ao longo histórico de vínculos apenas rarefeitos, o que se observa no presente século merece registro, cabendo-lhe ao menos a qualificação de diálogo promissor.

Santa Catarina participa do referido relacionamento. Como na escala do país, seu comércio com a Índia vem crescendo, ainda que esse intercâmbio não tenha grande destaque sequer na comparação com aqueles que envolvem outros membros do BRICS. Em outras áreas de interações, como nos ensaios ou acenos de cooperação em pesquisas e trocas de conhecimento e experiências, em diversas frentes ou setores, os benefícios vislumbrados têm caráter recíproco. Por conta disso, relações dessa natureza deveriam ser mais fortemente promovidas, de modo dinâmico e continuado.

O que se conseguisse realizar nesse sentido haveria de ter destaque, no lado brasileiro, na órbita tanto estadual quanto nacional. Não há qualquer motivo para pensar diferentemente sobre o significado para o lado indiano, a respeito da incidência de medidas de encorajamento e apoio em diversas escalas territoriais naquele país.

Considerando a perspectiva catarinense, a expansão do comércio com a Índia e a diversificação da sua pauta, em particular nas exportações estaduais, mostrar-se-iam objetivos a serem priorizados. Entretanto, deveria chamar a atenção dos responsáveis pelo desenho e a execução de interações internacionais estratégicas muito mais que somente o intercâmbio comercial. Essa indicação, cabe assinalar, vale para o nível tanto estadual como nacional, ao menos no lado brasileiro.

Interagir cooperativamente, com propósitos bem definidos e mirando a promoção do desenvolvimento socioeconômico, representa terreno a ser mais proficuamente laborado, em quaisquer circunstâncias. Não há razão para pensar diferentemente no que concerne à interlocução com a Índia, nos moldes tangenciados no presente artigo.

REFERÊNCIAS

ARRIGHI, G. A estratificação da economia mundial: considerações sobre a zona semiperiférica. In: **A ilusão do desenvolvimento**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 137-206.

BAVA, U. S. India's role in the emerging world order. **FES Briefing Paper**, n. 4, FES New Delhi, 2007.

BONIS, G. Bolsa Família, versão Índia. **CartaCapital**, 21 jan. 2013. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/internacional/bolsa-familia-versao-india> Acesso em: 21/10/2016.

CARDOSO, J. **Comitiva catarinense visita empresas indianas que produzem energia de forma sustentável**. Agência AL, Florianópolis: Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 9 abr. 2012. Disponível em: http://agenciaal.alesc.sc.gov.br/index.php/noticia_single/comitiva-catarinense-visita-empresas-indianas-que-produzem-energia-de-forma Acesso em: 17/09/2016.

CHATURVEDI, S. South-South cooperation in health and pharmaceuticals: emerging trends in India-Brazil collaborations. **Discussion Paper**, n. 172, New Delhi: Research and Information System for Developing Countries, 2011.

DESAI, R. D. A new era for India-Latin America relations? **Forbes**, June, 25th, 2015. Disponível em: <http://www.forbes.com/sites/ronakdesai/2015/06/25/a-new-era-for-india-latin-america-relations/#5f4dff6529d4> Acesso em: 06/09/2016.

ESTADO DE SÃO PAULO, O. Relações vão além dos produtos básicos. 16 jan. 2011. Disponível em: <http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,relacoes-vao-alem-dos-produtos-basicos-imp-,666791> Acesso em: 15/10/2016.

FIESC. Análise do comércio internacional catarinense 2012. Florianópolis: FIESC, 2012.

FIESC. **Análise do comércio internacional catarinense 2014**. Florianópolis: FIESC, 2014.

FIORI, J. L. A nova geopolítica das nações e o lugar da Rússia, China, Índia, Brasil e África do Sul. **OIKOS**, n. 8, p. 77-106, 2007.

GUENNIF, S.; RAMANI, S. V. Explaining divergence in catching-up in pharma between India and Brazil using the NSI framework. **Research Policy**, n. 4, p. 430-441, 2012.

LUNELLI, L.; COMERLATTO, D. Política de assistência social no enfrentamento da pobreza: estratégias e conceituação. **Textos & Contextos**, v. 13, n. 1, p. 47-57, 2014. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/te/ojs/index.php/fass/article/view/15213/11765> Acesso em: 21/10/2016.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR. **Estatísticas de Comércio Exterior**. [S.d.]. Disponível em: <http://www.mdic.gov.br/comercio-exterior/estatisticas-de-comercio-exterior/balanca-comercial-brasileira-mensal-2>. Acesso em: 05/10/2016.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA, COMÉRCIO EXTERIOR E SERVIÇOS. **Base de dados do Comex Stat**. [S.d.]. Disponível em: <http://www.mdic.gov.br/index.php/comercio-exterior/estatisticas-de-comercio-exterior/base-de-dados-do-comercio-exterior-brasileiro-arquivos-para-download> Acesso em: 16/03/2019.

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. **Ata da Sexta Reunião da Comissão Mista de Cooperação Política, Econômica, científica, Tecnológica e Cultural Brasil-Índia**. Brasília: Ministério das Relações Exteriores, Nota n. 360, 15 out. 2013.

OLIVEIRA, L. Z.; CAZELLA, A. A.; TECCHIO, A.; MIRESKI, M. C. Ações de política de desenvolvimento territorial para superar a pobreza rural: estudo de caso no território Meio Oeste Contestado (SC). **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento**, v. 11, n. 1, p. 323-348, 2015.

O'NEILL, J. Building better global economic BRICs. **Global Economic Paper**, n. 66, Goldman Sachs Economic Research Group, London, 30th Nov. 2001.

OPERAÇÕES WEG. [S.], [S.d.]. Disponível em: <http://www.weg.net/br/Contato/Operacoes-WEG>. Acesso em: 12/11/2016.

PANT, M. **India and the BRICS countries: issues of trade and technology**. New Delhi: Indian Institute of Foreign Trade, 2011.

PENTEADO, G. Antigo IML virou oficina de pranchas. **Folha de S. Paulo**, 4 mar. 2007. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0403200706.htm> Acesso em: 21/10/2016.

PORTAL DA ILHA. **Instituto Padre Vilson Groh completa quatro anos de atividades**. Florianópolis, 7 jun. 2015. Disponível em: <http://www.portaldailha.com.br/noticias/lernoticia.php?id=28929> Acesso em: 22/10/2016.

PRATES, D. M. Investimento e transformação estrutural na economia indiana: dois padrões de crescimento (1950-1979 e 1980-2008). In: CENTRO DE GESTÃO E ESTUDOS ESTRATÉGICOS. **Padrões de desenvolvimento econômico (1950-2008)**: América Latina, Ásia e Rússia. Brasília, CGEE, 2013, p. 594-645.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Delegação da Índia conhece políticas brasileiras de combate à pobreza**. Brasília, Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, Brasília, 20 jan. 2016. Disponível em:

<http://www4.planalto.gov.br/consea/comunicacao/noticias/2016/delegacao-da-india-conhece-politicas-brasileiras-de-combate-a-pobreza> Acesso em: 21/10/2016.

RADIN, D. C. **SC e Índia buscam cooperação em educação, tecnologia e saúde**. FIESC, Florianópolis, 5 out. 2015. Disponível em: <http://fiesc.com.br/noticias/sc-e-india-buscam-cooperacao-em-educacao-tecnologia-e-saude> Acesso em: 20/10/2016.

STUENKEL, O. Seeing India through Brazilian eyes. **Seminar**, n. 630, p. 2-5, 2012.

UN STATISTICS DIVISION. **Commodity Trade Statistics Database**, [S.d.]. Disponível em: <http://comtrade.un.org/db/> Acesso em: 20/10/2016.